



**Universidade Federal de São Carlos  
Centro de Ciências Humanas (CECH)  
Departamento de Psicologia  
Bacharelado em Tradução e Interpretação em Libras/Língua  
Portuguesa**

**Tradutores(as) e Intérpretes de Libras e a Triagem Hospitalar: compreendendo seu papel e atuação no atendimento do paciente surdo**

**Discente: Samara de Souza Carvalho**

Artigo apresentado ao curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação em Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS / Língua Portuguesa da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, como pré-requisito para obtenção do título de Bacharela em Tradução e Interpretação em Libras / Língua Portuguesa.  
Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Janaina Cabello

**São Carlos  
2023**

## **Agradecimentos**

Primeiramente quero agradecer a Deus por me dar forças e nunca me deixar desistir dos meus sonhos e por isso dedico todas minhas conquistas, lutas e vitórias a Ele, pois sem Ele não sou nada. O caminho é difícil de se trilhar, existem barreiras e pedras no caminho, mas com Ele ao meu lado sei que no final as coisas se ajustam e que darão certo de alguma maneira.

Às minhas queridas orientadoras Janaina Cabello e Carla Mota por toda dedicação, por todo comprometimento, por todo tempo dedicado a mim e a minha formação, por todo carinho, e por toda inspiração que vocês são e continuarão sendo para minha vida, não só profissional, mas como também para minha visão de como ser alguém especial no futuro. Vocês representam para mim mulheres que estão determinadas a conquistar o mundo, valorizando e melhorando cada lugar que vocês passam, saibam que não somente minha pessoa, mas a de muitos colegas que fazem parte dessa trajetória e que puderam ter o privilégio de ter vocês em suas vidas são lisonjeados por isso.

Aos meus amados pais, Claudia e Persival que são meu porto seguro, aqueles que fizeram e fazem o impossível se tornar possível para que eu seja uma pessoa cada vez melhor, vocês são aqueles que nunca desistiram de mim e que nunca deixaram eu desistir de lutar por meus sonhos e objetivos. Hoje não te tenho mais presente pai, mas sei que estarás em meu coração para sempre eternamente seguindo comigo. Mãe, continuo a dizer, obrigada por ser essa mulher guerreira, que me motiva a nunca desistir de que posso ser ainda mais, e pai, seguirei os teus passos sempre.

Em especial, ao meu grande amor Renato Chaves Gomes por estar comigo também durante toda essa trajetória, obrigado por ser minha âncora, por sempre me aquecer, animar, incentivar a nunca desistir e sempre me mostrar do que sou capaz. Você ilumina minha vida e é contigo ao meu lado que quero continuar conquistando todos os meus sonhos, obrigada por ser tanto em minha vida.

Às minhas amigas Juliete Candido e Thayná Proença também dedico agradecimento, por estarmos caminhando juntas nessa jornada, uma ajudando a outra, independente das situações, e aos demais amigos de sala e dos anos anteriores

e seguintes que me mostraram que não errei em escolher este curso, vocês fazem parte desse processo e me ajudaram com conversas, risadas, brincadeiras, apoio emocional, e tudo o que uma amizade pode oferecer. A cada um de vocês meu muitíssimo obrigada.

Também agradeço aos meus primos Rian, Kelly Laís e Vitor Manuel porque vocês me fizeram ser uma referência, mesmo distante sempre pensei em vocês por todo esse processo e este pensamento me ajudou a continuar e sempre prosseguir.

Aos professores e funcionários do curso TILSP, sou grata por cada um de vocês serem minha referência. Todos tem um lugar especial em meu coração, pois me ajudaram de alguma forma, sempre vou levá-los na minha memória.

Às intérpretes Ytiara e Isabela, profissionais que me inspiram e que tenho um apreço muito grande, pois me ajudaram e incentivaram a ser e buscar uma melhor versão de mim nesta área que tanto admiro. Vocês foram indispensáveis, são fundamentais e continuarão sendo essenciais na minha vida. Gratidão sempre.

À UFSCar por me dar todos esses anos de uma experiência, digamos que exaustiva, feliz, conflituosa, angustiante, prazerosa e muitos outros sentimentos que só você, minha querida faculdade pôde oferecer, contudo, agradeço pela oportunidade de poder estar me tornando alguém melhor profissionalmente com uma bagagem vasta de experiências.

E por fim e não menos importante, à você querida "eu" por lutar, sonhar, amar, chorar, perder, conquistar, acreditar e entender que para tudo a um tempo determinado para todas as coisas que estão debaixo dos céus. Deus não se atrasa em seus planos!

## **Tradutores(as) e Intérpretes de Libras e a Triagem Hospitalar: compreendendo seu papel e atuação no atendimento do paciente surdo**

**Resumo:** O presente trabalho visa discutir sobre o papel do tradutor intérprete de Libras (TILS) diante da necessidade de atendimento de pessoas surdas nos processos de triagem no pronto atendimento em postos de saúde e posterior encaminhamento para o atendimento médico. Tivemos como objetivo geral analisar os aspectos técnicos e éticos que devem estar presentes na atuação do TILS durante essa triagem, a partir das considerações de uma pessoa surda usuária da rede pública de saúde e de uma intérprete de Libras que já atuou nesse contexto. Assim, para essa pesquisa qualitativa, entrevistamos duas participantes - sendo uma pessoa/paciente surda e uma profissional intérprete de Libras - buscando identificar como esse momento inicial de acolhimento na saúde tem sido realizado junto às pessoas surdas. As respostas colhidas através de entrevista semiestruturada foram analisadas a partir da análise de conteúdo e organização em núcleos de significação, buscando enfatizar a importância de estratégias adotadas para superar as diferenças linguísticas e para realizar um bom atendimento nos postos de saúde no sentido do enfrentamento das barreiras linguísticas identificadas pela pessoa surda. Como resultados, destacamos a ausência de uma comunicação efetiva entre profissionais da saúde e pacientes surdos e apresentamos algumas estratégias utilizadas por profissionais da saúde em atendimentos de pacientes surdos, a partir do relato da paciente surda (uma vez que nem sempre existe a atuação de TILS nesse contexto), bem como estratégias identificadas pela profissional intérprete como as adotadas para a atuação nessa esfera. Nesse sentido, fica evidente, a partir de nossas entrevistas, que o contexto da saúde apresenta desafios bastante específicos para a interpretação para a Libras, o que aponta para a necessidade de uma formação específica para a atuação de TILS na esfera da saúde, dada sua complexidade.

**Palavras-chave:** Triagem Hospitalar; Atendimento em Saúde; Pessoas Surdas; Tradutoras/es e Intérpretes de Libras.

## 1. Introdução

Na minha jornada de formação como Tradutora e Intérprete de Língua de Sinais/Língua Portuguesa, buscava um ramo para me aprofundar e então seguir carreira. No decorrer das disciplinas ofertadas pelo curso, comecei a analisar os variados caminhos que eu poderia seguir, como o meio educacional, acadêmico, jurídico, corporativo e da saúde. Temos nos deparado com um aumento significativo na demanda da atuação dos TILS (Tradutor/a e Intérprete de Língua de Sinais) nas mais diversas esferas sociais, pois a comunidade surda vem buscando cada vez mais visibilidade e inclusão. Porém, para que alcancemos a inclusão de direitos à acessibilidade integral, é necessário, ainda, muito esforço para que venha ser disponibilizado acesso total em todas as áreas que constituem indivíduo e sociedade, como farmácias, escolas, locais de trabalho, comunidades religiosas, shows, postos de saúde, mercados, entre outros meios que observamos em utilização no nosso cotidiano. Nesse sentido, Chaves, Tonin e Graff (2019, p. 4), apontam que são “perceptíveis as dificuldades enfrentadas pelos surdos nos diferentes ambientes onde circulam, com relação ao atendimento recebido nos setores de saúde, nos órgãos públicos, nos museus, nas autoescolas, nos cinemas, entre outros”. Os autores enfatizam ainda que existem muitas barreiras ao atendimento da pessoa surda em diversos âmbitos, uma vez constatado que

A falta de comunicação ainda constitui um enfrentamento diário para os surdos, evidenciando que a ausência de tradutores/intérpretes de Língua Brasileira de Sinais/Língua Portuguesa; a falta de uma disciplina de Libras na formação acadêmica dos profissionais que fazem o atendimento ao público - ou de cursos de capacitação que possibilitem a aprendizagem da Libras, no exercício da sua função -; e a utilização de estratégias inadequadas de comunicação relacionam-se ao que Lopes e Dal'igna (2007) descrevem como processos de *in/exclusão* (CHAVES, TONIN, GRAFF, 2019, p. 4).

Entre essas áreas que mais demandam a necessidade de TILS, está o acesso à saúde pois os surdos, como pacientes, precisam que seus direitos estejam definitivamente estabelecidos, sendo os seguintes: atendimento digno; conhecimento detalhado referente aos tipos de tratamentos que poderão ser

utilizados e escolha dos mesmos pelo próprio paciente; direito ao acesso à informação naquele local; direito ao respeito por sua diferença linguística - corroborados pela Lei 10.436/2002 e Decreto 5.626/2005, que a regulamenta. Especificamente, no que diz respeito ao acesso à saúde, a legislação (lei 10.436/2002, que dispõe sobre a Libras e dá outras providências) determina, em seu art. 3º, que “as instituições públicas e empresas concessionárias de serviços públicos de assistência à saúde devem garantir atendimento e tratamento adequado aos portadores de deficiência auditiva, de acordo com as normas legais em vigor” (BRASIL, 2002).

Nesse cenário, nos parece evidente a importância de nos voltarmos à problematização e ao debate quanto aos aspectos necessários para a formação e capacitação dos intérpretes de Libras que irão atuar especificamente na área da saúde. Segundo Jesus (2014), o contexto da interpretação na esfera da saúde “ainda é uma área recente e carente de pesquisas” (p. 26). A esse respeito, o autor afirma ainda que

É necessário um aprimoramento urgente e uma discussão ampla em nível político-social e acadêmico sobre a não oferta desse profissional, quais pistas e estratégias que o intérprete pode proporcionar ao indivíduo surdo que necessita de interpretação [no contexto médico] e as devidas providências que podem ser tomadas para a consolidação do serviço (JESUS, 2014, p. 27).

Ainda neste contexto, Chaveiro e Barbosa (2005), em um trabalho que apresenta relatos de pacientes surdos que fazem, ou já fizeram, uso do sistema público de saúde (SUS), destacam situações onde a falta de comunicação é a principal causadora dos desencontros entre médico e paciente. Como descrito nas falas de alguns dos entrevistados: "Tenho dificuldades. É muito difícil a comunicação com os profissionais da saúde." (CHAVEIRO; BARBOSA, 2005, p. 4); ou ainda: "Eu já estive doente e não fui ao médico, porque tive medo de não ser compreendida [...]" (CHAVEIRO; BARBOSA, 2005, p. 4). Esses relatos, dentre outros no estudo dessas autoras, nos mostram como é difícil a relação médico-paciente surdo, quando existe a ausência da comunicação em Libras pelo desconhecimento da língua por uma das partes.

Já na pesquisa realizada por Neves, Felipe e Nunes (2016) os participantes da pesquisa relataram que nunca encontraram intérpretes de

Libras nos estabelecimentos de saúde, revelando que "o atendimento somente se dá na presença de um intérprete quando o próprio surdo tem a iniciativa de levá-lo, acompanhando-o." (NEVES; FELIPE; NUNES, 2016, p. 4).

Na mesma direção, a pesquisa de Cotta *et. al.* (2019) faz um levantamento quantitativo com pacientes surdos que recentemente fizeram uso de serviços de saúde. Entre os dados encontrados durante as entrevistas, foi constatado que a maioria dos surdos enfrentava sérios problemas para serem compreendidos durante seus atendimentos. De acordo com os autores, 100% dos entrevistados afirmaram que os profissionais de saúde não se empenhavam em tentar estabelecer uma comunicação usando a Libras. Já 62,5% das pessoas entrevistadas afirmou que o médico não recorreu (ou recorreu pouco) a recursos visuais que poderiam auxiliar na comunicação com o paciente. E quando perguntados acerca da compreensão de informações durante a consulta, 50% das pessoas surdas entrevistadas se queixou de não ter sido compreendido pelo(s) profissional(ais) de saúde e 68,8% diz não ter compreendido o diagnóstico (COTTA *et. al.*, 2019).

Particularmente, na mesma esteira do que apontam Cotta *et. al.* (2019) sobre o "pouco empenho" de alguns profissionais da saúde em se comunicar efetivamente com os pacientes (surdos), percebi que, em um determinado momento quando um ente querido necessitou de atendimento médico e precisou se deslocar ao posto de saúde, há a necessidade de que profissionais que atuam no Pronto Atendimento compreendam a importância de atuarem com amor, humildade e solidariedade ao próximo, assim como está especificado no juramento de Hipócrates "*...Aplicarei os regimes para o bem do doente segundo o meu poder e entendimento, nunca para causar dano ou mal a alguém...*".

Durante esse período, presenciei algumas situações que me fizeram refletir sobre os impactos da falta de interesse e comprometimento na relação entre paciente e profissional da saúde e, com isso, busquei aprofundar meus estudos nesta área, dando início ao curso de enfermagem. Ao mesmo tempo, passei a compreender a real necessidade do TILS trabalhando na área da saúde, uma vez que "há evidências de fragilidade na formação dos profissionais de saúde quanto ao ensino da Libras, o que reflete diretamente no atendimento integral dos surdos" (MAZZU-NASCIMENTO *et. al.*, 2020, p. 1).

Ao iniciar os estudos na disciplina de tradução e interpretação na esfera da saúde, logo percebi que era um campo vasto com poucos estudos sobre a prática do TILS, por se tratar de uma área utilizada pelo público surdo em um momento que eles necessitam de total apoio e auxílio, desde o atendimento inicial, consultas, indicação e retirada de remédios, onde a interação de médico e paciente para se esclarecer o nível e grau da situação são de suma importância. A respeito da formação específica de intérpretes para a atuação na saúde, Caetano (2021) também aponta no levantamento realizado em seu estudo que

foram praticamente inexistentes os trabalhos acadêmicos que discorrem acerca da formação de tradutores e intérpretes de Libras com especificidade para a área da saúde, como apresentado anteriormente. Também foram raros os relatos de pacientes surdos ou profissionais da saúde que encontraram com um intérprete especializado em suas trajetórias. Destacando a importância da atenção para essa formação e também para essa prática, pois, nota-se uma necessidade para que os profissionais intérpretes não apenas se formem com destaque para a área da saúde, mas que comecem a ingressar nesse contexto, pois sua atuação nesses espaços é uma necessidade urgente (CAETANO, 2021, p. 21).

Aprofundando minhas pesquisas sobre esse tema, me interessei pelo processo de triagem dos hospitais e postos de saúde que dependem de uma comunicação oral com o paciente. Nesse sentido, logo surgiu o seguinte questionamento: como funcionaria o atendimento de um paciente surdo indicando dores em partes do corpo específicas, mas sem a presença do intérprete de Libras para mediar o pronto atendimento deste paciente? Dado que na maioria das vezes os profissionais da saúde não possuem conhecimento básico da língua do paciente surdo, quais são as possíveis dificuldades, desconfortos e conflitos de comunicação que podem ser experienciados pelos pacientes surdos?

Nesse contexto, podemos pensar: como deveria ser a atuação do TILS durante a triagem de pacientes surdos? Qual a formação necessária do TILS para atuar na triagem de pacientes surdos? Que conduta ética precisa ser estabelecida pelo TILS durante esse momento inicial de atendimento?

Diante de tais indagações, fizemos um breve levantamento do estado da arte sobre o tema, focando no estudo da presença da pessoa surda no ambiente

médico e a atuação do TILS nessa modalidade, a princípio, a concentração foi ligada em instituições públicas do eixo Sul/Sudeste, com oferta de programa de Pós-graduação em nível de Doutorado no estado de São Paulo.

Nesta busca inicial foi identificada uma pesquisa realizada por Patrícia Cristina Andrade Pereira, intitulada com o tema "Tradutores-Intérpretes de LIBRAS na saúde: O que eles nos contam sobre questões éticas em suas práticas", publicado na Biblioteca Digital de Teses e Orientações da USP, apresentado na Universidade de Saúde Pública de São Paulo, no ano de 2014. O trabalho pretendeu identificar a atuação do TILS em serviços de saúde, na mediação entre equipes falantes de português e pacientes surdos usuários de libras e conhecer a percepção do TILS em relação à aspectos éticos relacionados à comunicação, autonomia e privacidade de pacientes surdo. Para a realização da pesquisa, a autora entrevistou cerca de 30 TILS atuantes nas regiões metropolitanas de São Paulo e Rio de Janeiro e entre os resultados alcançados, apurou-se que os TILS entrevistados não eram profissionais empregados na saúde, portanto, a atuação deles na área foi voluntária, informal, em situações de gravidade de saúde, falta de familiares acompanhantes e situações sigilosas.

Nesse sentido, os profissionais reconheceram que no eixo da comunicação, os desafios da interpretação vão em direção à falta de formação específica na área, por não saberem lidar com questões do escopo da saúde e pela proximidade pessoal que muitos profissionais acabam obtendo com os surdos. No eixo autonomia identificaram graus de participação do paciente, na maioria das vezes, dependente da postura dos TILS e dos profissionais da saúde. No eixo privacidade de informações, defenderam que o legítimo informante quando outros querem informações junto aos TILS-GI sobre o paciente surdo é o próprio, algo referenciado no código deontológico da categoria. Em contrapartida, a variedade de respostas sobre privacidade revela menores amadurecimento e consenso entre eles.

Foi identificado outra pesquisa realizada por Regiane Ferreira Rezende, Leonor bezerra Guerra e Sirley Alves da Silva Carvalho, intitulada com o tema "A perspectiva do paciente surdo acerca do atendimento à saúde", com oferta de

programa de Pós-Graduação em Ciências Fonoaudiológicas, publicada na Revista CEFAC, apresentada na Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, no ano de 2020. As autoras buscaram conhecer a perspectiva do surdo quanto às melhorias necessárias no atendimento à saúde para essa população e, para isso, foi realizado um questionário semiestruturado que foi respondido por 124 surdos, contendo em sua amostra idade, sexo e tipo de comunicação, além da coleta de resposta da questão “Você tem alguma sugestão para melhorar o atendimento de saúde ao surdo?”, respondida na modalidade escrita ou em língua de Sinais. Os resultados apresentados indicam que a perspectiva da população surda abordada é pautada no desejo de autonomia, de superação das barreiras de comunicação e de acesso à informação visando promoção da saúde, além de evidenciarem a necessidade de melhorias no atendimento à saúde do usuário surdo.

Por fim, como outro estudo significado na área, identificamos o trabalho desenvolvido por Yanik Carla Araújo de Oliveira (Mestre em Saúde Pública na Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande-PB), Suely Deysny de Matos Celino (Faculdade de Ciências Médicas, Campina Grande-PB) e Gabriela Maria Cavalcanti Costa (Docente na Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande-PB), intitulada com o tema “Comunicação como ferramenta essencial para a assistência à saúde dos surdos”, publicada na Physis: Revista de Saúde Coletiva, em 2014.

As autoras realizaram este estudo com o objetivo de revelar como os surdos percebem a comunicação com os profissionais de saúde, e também compreender o significado da presença de um acompanhante oralizado como interlocutor, durante atendimento na rede pública de serviços de saúde. Desse modo, foram entrevistadas 11 pessoas surdas que se comunicavam por meio da língua de sinais. As falas dos entrevistados foram traduzidas para o português, transcritas e submetidas à análise de conteúdo temática, que resultou em três categorias temáticas: as ferramentas de comunicação na assistência à saúde dos surdos; a presença do acompanhante como interlocutor; e a comunicação em Língua Brasileira de Sinais. O trabalho evidencia que as estratégias de comunicação com os usuários surdos, adotadas pelos profissionais de saúde se

mostraram ineficientes e mesmo a presença do acompanhante como interlocutor não foi suficiente para garantir uma assistência de qualidade, visto que os surdos se mostraram sujeitos passivos no seu próprio processo saúde-doença. Nesse sentido, os participantes salientaram que preferiam ser atendidos por profissionais que conhecessem a língua de sinais, no sentido de estabelecer uma comunicação direta, mantendo sua privacidade e independência.

Após esse primeiro momento de levantamento bibliográfico e de compreensão de como o campo da saúde vem sendo abordado pela área de formação e atuação de TILS, passei a me questionar sobre o trabalho do intérprete de Libras neste espaço, mediante as diversas situações de atendimento médico que o paciente surdo poderia apresentar e, em decorrência disso, quais deveriam ser as atitudes e práticas adotadas pelo TILS em sua atuação nessa esfera, uma vez que “o cidadão surdo tem direito ao acesso à informação, não apenas acerca de sua própria saúde, como também acerca da sociedade que o cerca, assim como qualquer outro cidadão” (CAETANO, 2021, p. 41).

Diante dos desafios e da complexidade da atuação de TILS nessa esfera e pela carência de pesquisas e discussão que foi sendo apontada pela literatura consultada, portanto, estabeleci como objetivo principal deste trabalho analisar os aspectos técnicos e éticos que devem estar presentes na atuação do TILS durante essa triagem, a partir das considerações de uma pessoa surda usuária da rede pública de saúde e de uma intérprete de Libras que já atuou nesse contexto.

Apresentaremos a seguir o percurso metodológico adotado para a pesquisa, bem como alguns dados que serão debatidos mais detalhadamente neste artigo.

## **2. Caracterização da pesquisa: percurso metodológico e apresentação das participantes**

Para o desenvolvimento da pesquisa, escolhemos trabalhar com a discussão e análise das respostas das participantes (que foram convidadas a

participar da pesquisa de forma direta e individualmente pela pesquisadora) colhidas a partir da aplicação de entrevistas semi estruturadas (de caráter semi-aberto) e realizadas de forma remota através da plataforma *Google Meet*. As entrevistas podem ser caracterizadas como “conversas intencionais, geralmente entre duas pessoas, embora por vezes possa envolver mais pessoas, dirigida por uma das pessoas, com objetivo de obter informações sobre a outra” (MORGAN, 1988, *apud* BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 134).

Segundo Gil (2008), as entrevistas são muito utilizadas em estudos exploratórios, com o propósito de proporcionar melhor compreensão do problema, gerar hipóteses e fornecer elementos para a construção de instrumentos de coleta de dados. Dessa forma, adotamos a entrevista focal, com o objetivo de explorar a fundo as experiências vividas em condições precisas (GIL, 2008).

As entrevistas semi-estruturadas, como técnica de coleta de informações, é definida por Trivinos (1987) como aquela que, apoiada em teorias e hipóteses já estabelecidas, cria questionamentos básicos, incubidos com o tema de pesquisa, trazendo à tona novas indagações propícias para novas conjecturas que vão surgindo na medida que se obtém as respostas dos participantes. Assim sendo, o informante consegue ter mais fluidez em sua fala, relacionando com seu modo de pensar e suas vivências com o foco principal que o investigador busca compreender. Deste modo, adotamos as entrevistas semi-estruturadas pelo fato delas se apresentarem em tópicos, permitindo aproveitar os espaços dos relatos apresentados pelo entrevistado, podendo a partir disso, criar outras perguntas no momento da entrevista.

Assim, os roteiros das entrevistas foram elaborados com a intenção de identificar e descrever os modos como ocorre o pronto atendimento e a triagem hospitalar da pessoa surda, além de ressaltar a importância do tradutor e intérprete de língua de sinais nesse contexto.

Para este trabalho foram entrevistadas, portanto, uma profissional com formação em fonoaudiologia e que atua como intérprete de Libras nas esferas educacional e religiosa, principalmente, mas com alguma experiência na atuação em contextos médicos e uma jovem estudante de Pedagogia surda, usuária do

serviço público de saúde. Os roteiros das entrevistas<sup>1</sup> foram elaborados pela pesquisadora em Língua Portuguesa escrita, contendo 10 perguntas para cada participante, com pequenas variações em seu contexto, a depender da participante: enquanto para a profissional TILS a pergunta referia-se à sua atuação e/ou formação para atuar na esfera da saúde (por exemplo, “Você pode contar um pouco sobre algum episódio em que teve dificuldades de compreensão e/ou de interpretar sintomas, compreender as recomendações médicas ou mesmo fazer uma ficha de anamnese de um paciente surdo?”), para a participante surda a questão buscava levantar suas impressões sobre o momento de seu atendimento (“Você pode contar um pouco sobre algum episódio em que teve dificuldades de compreensão e/ou de expressar sintomas, compreender as recomendações médicas ou mesmo fazer uma ficha de anamnese?”).

A entrevista com a participante surda foi realizada em Libras por uma profissional intérprete da universidade e posteriormente transcrita para a língua portuguesa pela pesquisadora. Já com a profissional TILS, a entrevista foi realizada em português e também posteriormente transcrita.

### **3. Procedimentos de análises de dados**

Os dados obtidos através das respostas das entrevistas (que foram transcritas) e apresentados e discutidos aqui em nossas análises foram obtidos pela pesquisadora em um [...] “processo de busca e de organização sistemático de transcrições [...] com o objetivo de aumentar a compreensão desses mesmos materiais e de permitir apresentar aos outros aquilo que encontrou” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 205). Assim, o conteúdo das entrevistas foi lido tentando estabelecer relações entre as respostas das participantes e de nossa pergunta de pesquisa ou, em outras palavras, buscando “a explicação do processo de constituição do objeto estudado, ou seja, estudá-lo em seu processo histórico” (AGUIAR; OZELLA, 2013, p. 301).

Desse modo, propomos algumas análises a partir das respostas obtidas através das entrevistas concedidas. Para isso, utilizaremos a perspectiva

---

<sup>1</sup> Os roteiros na íntegra estão nos anexos do trabalho.

bilíngue que compreende a surdez como diferença socioantropológica (SKLIAR, 1998) e a Libras como língua materna das pessoas surdas, bem como a legislação que baliza o atendimento em Libras das pessoas surdas nas diversas esferas sociais (inclusive no atendimento na saúde) como orientadoras para nossas análises, que tomam como ponto de partida fragmentos das respostas das participantes, na articulação com as bases teóricas acerca da temática, constituindo 3 categorias de análises centrais para a discussão de como se dá o atendimento na saúde e a triagem hospitalar de pessoas surdas, e sobre as possíveis barreiras enfrentadas por essas pessoas nesse contexto, sendo essas: 1- Formação de Intérpretes de Libras Especificamente Para a Atuação na Área da Saúde; 2- Estratégias de Comunicação Utilizadas por Profissionais de Saúde em atendimentos de Pacientes Surdos; 3- Estratégias de Comunicação Utilizadas por Profissionais Intérpretes nos Atendimentos de Saúde.

### **3.1 Categoria de Análise 1: Formação de Intérpretes de Libras Especificamente Para a Atuação na Área da Saúde**

No que se refere à formação de intérpretes de Libras para atuação no contexto médico, Caetano (2021, p. 41) indica “a necessidade de uma formação mais atenta de tradutores e intérpretes de Libras para a atuação nessa esfera, principalmente quanto aos protocolos médicos, vocabulário específico e construções de discursos alinhados com o contexto médico, uma vez que o acesso à informação na área da saúde não é algo trivial, principalmente no que diz respeito à saúde do próprio paciente/usuário”.

Os relatos da profissional intérprete de Libras entrevistada corrobora a percepção do autor nesse sentido, como destacado abaixo:

#### **Relato 1 - intérprete de Libras (sobre a importância da formação do intérprete para atuação na esfera da saúde)**

[...] “Algumas ideias eram desconexas, foi muito difícil interpretar. O Doutor pediu para assinar alguns papéis e eu pedi para falar com ele **que eu não entendi ao certo, não sei se eu consegui interpretar corretamente, porque pra mim estava muito**

**confuso**, e aí ele disse, mas essa é uma característica da doença também. De ter essa fala confusa. Então é possível ver **a questão da área da saúde, dentro dela ainda tem outras especificidades. Porque você interpretar dentro de hospital, numa internação, é uma coisa, numa UTI é outra, num consultório é outra.** E aí, dependendo da especialidade, por exemplo, essa questão psicológica e psiquiátrica também tem que ser levada em consideração, às vezes envolve outras questões, você vai dar uma notícia, vai falar para o paciente que está com câncer que é um câncer maligno que ele tem uma baixa expectativa de vida, **a gente volta na questão da formação do intérprete, o que é importante.** [...]

Tabela 1. Excerto da entrevista. Quadro produzido pela autora.

**Relato 2 - intérprete de Libras (sobre a importância da formação do intérprete para atuação na esfera da saúde)**

[...] “Penso que **a formação teórica e prática para a formação do intérprete é importante.** A teórica na parte de entender esse contexto da saúde no atendimento humanizado, de normas, de vigilância, de higiene, detalhes do contexto de saúde, que é importante para o intérprete, não cair de paraquedas. Também **é importante entender o sujeito surdo, neste contexto de saúde, porque se esse está ali, é porque ele está doente e precisando daqueles serviços naquele momento;** [...] **É muito importante a formação linguística, técnica e tradutória, saber os sinais, ter fluência e entender que esse é o papel do intérprete, enquanto mediador da comunicação, e não só da libras para o português, mas da comunicação, então às vezes realmente a gente vai ter que abrir mão de outros recursos. São conteúdos importantes para a formação teórica e a prática para serem incluídos nos cursos de formação e/ou nas experiências deles (intérpretes) que por algumas vezes, nesse âmbito da área comunitária não tem ou não teve a opção de fazer um nível de uma graduação, mas que tem uma experiência muito grande na área, então os estágios para os cursos de formação são importantes e fundamentais. Ter uma disciplina voltada para isso, ajudaria bastante, além dos estágios específicos. Às vezes a esfera comunitária abrange vários segmentos, valeria a pena ter algo voltado mais densamente para essa esfera da saúde,**

**entendendo a especificidade desse contexto que envolve uma vida, um risco de vida, a questão da saúde, então eu acho que valeria a pena essa formação comunitária**, não só pelos estágios curriculares, mas o incentivo que daria aos futuros intérpretes de estarem envolvidos com os surdos nas associações, nas instituições representativas da comunidade, pois essa vivência traz proximidade desses sujeitos, que são os nossos interlocutores, depois nos atendimentos médicos. Se o intérprete dedica um tempo da sua formação para estar no ambiente que os surdos estão como por exemplo, na associação, na festa, no Sesc, no shopping, isso proveitosamente vai ajudar no trabalho dele, além do acadêmico extra curricular.” [...]

Tabela 2. Excerto da entrevista. Quadro produzido pela autora.

Ainda com relação à formação de intérpretes de Libras para a atuação na esfera da saúde, é interessante destacar, também, a percepção da pessoa surda entrevistada em relação às suas experiências (como usuária dos serviços de saúde e também do trabalho do intérprete nesse contexto):

**Relato 3 - pessoa/paciente surda (sobre a importância da formação do intérprete para atuação na esfera da saúde)**

[...] **“O intérprete de libras precisa ter conhecimentos na área médica**, porque tem alguns intérpretes que têm experiência na área educacional. Eu percebo que a maioria dos intérpretes tem experiência na área educacional e vai para uma consulta médica que é outro contexto totalmente diferente e nesse caso, às vezes não interpreta com um sentido que possa se ter total compreensão. **O intérprete precisa ter esse interesse de trabalhar na área médica e de se especializar nessa área e focar nela** e os demais intérpretes que querem trabalhar na área política e/ou outra área específica, se especializa nessa área. Portanto, **na minha opinião, o intérprete precisa focar na área médica para aprender os sinais específicos e entender suas terminologias e adquirir esse conhecimento. Acredito que isso vai melhorar muito os atendimentos e as interpretações que aconteceram ali** [na

saúde]" [...]
---------------

Tabela 3. Excerto da entrevista. Quadro produzido pela autora.

Através dos relatos e do que destacamos acima, é possível perceber, a importância e o quanto é necessário que haja uma mudança ou até mesmo uma atualização na formação dos intérpretes de Libras, visto que é notório a escassez de conhecimentos específicos mediante a determinadas áreas de atuação (como a esfera da saúde, abordada neste trabalho).

Cumprido destacar ainda, a partir do que foi sendo comentado pelas participantes, a compreensão de que a área da saúde abrange variados outros campos de estudo, como, em uma visão geral, a pediatria (focado em um cuidado para com a saúde da criança e adolescente); psiquiatria (focada em tratar de diagnósticos de distúrbios mentais, como depressão, ansiedade, esquizofrenia e até mesmo de casos de dependência em substâncias químicas); odontologia (focada em prevenir, diagnosticar e tratar de problemas relacionados aos dentes, boca, língua, gengiva, ossos da face e do pescoço); e setores inerentes que fazem parte dos hospitais como pronto-socorro, enfermagem, berçário, sala de parto e UTI. Todas essas diferentes especialidades médicas nos mostram ainda que compreender a esfera da saúde de modo mais amplo (genérico) não seria, ao todo, ainda suficiente para uma formação de intérpretes de Libras que atuam na área.

Nessa direção, é imprescindível que os cursos técnicos e graduações que formam profissionais intérpretes de Libras incluam (também mencionado pelas entrevistas) disciplinas do eixo comunitário que trabalhem com o estudo e prática em estágios específicos. Mediante a tais observações, vale ressaltar a escassez dos TILS nesse âmbito.

Buscamos aqui, portanto, evidenciar a partir (também) dos excertos das entrevistas, a falta de profissionais qualificados e aptos para atuarem na área e fomentar as discussões e as práticas de formação nessa direção, uma vez que, na maioria das vezes, observamos a presença desses profissionais, como sendo um "trabalho voluntário e informal pois a maior parte destes relataram não

conhecer qualquer colega de profissão que ocupasse tal função oficialmente na área da saúde” (PEREIRA, 2014. p. 20).

### **3.2 Categoria de Análise 2: Estratégias de Comunicação Utilizadas por Profissionais de Saúde em Atendimentos de Pacientes Surdos**

No trabalho de Neves et. al (2016), os autores evidenciam que as pessoas surdas encontram dificuldades na comunicação nos diferentes contextos de atendimentos, citando inclusive outras formas de comunicação como, por exemplo, a comunicação através do português escrito (NEVES et. al., 2016, p. 3-5). Já no que se refere à compreensão da terapia por parte do paciente surdo, o estudo traz relatos de surdos que não conseguiam compreender direito o processo e a dosagem da(s) medicação(ões), falta de acessibilidade nas informações das campanhas de vacinação e até um caso onde o paciente fora submetido a um procedimento cirúrgico no qual não conseguia relatar o grau de dor que sentia durante o procedimento pois os profissionais não o compreendiam (NEVES et. al., 2016, p. 6-8). Na mesma direção, o relato da pessoa/paciente surda entrevistada neste trabalho corrobora a realidade relatada por Neves et. al (2016):

#### **Relato 4 - pessoa/paciente surda (sobre as estratégias de comunicação utilizadas por profissionais da saúde)**

[...] “para me contar o resultado do exame, quando ela foi me explicar, foi um processo bem complicado porque para contar o que eu estava passando consegui transmitir de maneira natural, mas **quando a médica foi falar para mim o resultado foi mais complicado para eu entender, pelo fato de que havia algumas palavras que eu não conhecia; Então ela usou algumas estratégias mostrando alguns exemplos como na vez em que fui na ginecologista, tinha uma palavra que eu não sabia o significado, então a médica me explicou essa palavra através de um exemplo, como quando**

**quando eu tomo o remédio de forma contínua, sem parar todos os dias, então eu perguntei, mas isso vai interromper a menstruação ou vai continuar? E ela me disse que o ciclo ia continuar normalmente. E foi assim que fui tentando obter mais informações para poder entender, já outras palavras específicas, eu não entendia então a médica teve que usar outras estratégias para poder me explicar, principalmente para palavras longas, palavras diferentes, porque nós surdos temos conhecimento das palavras básicas do português como segunda língua.” [...]**

Tabela 4. Excerto da entrevista. Quadro produzido pela autora.

Apesar das barreiras de comunicação que comprometem o bom atendimento de pessoas surdas, no que diz respeito ao atendimento de pacientes surdos, Cardoso e Bachur (2021, p. 234) apontam que

Em um estudo realizado por Gomes et al. (2017) com 101 médicos do Distrito Federal, 92,1% dos entrevistados relatou já ter atendido um paciente surdo durante a carreira, e 76,2% considerou o conhecimento da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) importante para a prática médica. No entanto, somente um participante afirmou ter conhecimento básico em LIBRAS.

Ainda de acordo com os autores, a opinião dos pacientes surdos quanto aos benefícios de ser atendido por um médico treinado em língua de sinais variou entre diferentes estudos, uma vez que

Em uma pesquisa realizada em São Paulo, 16 de 17 deficientes auditivos consideraram que o atendimento seria melhor caso o profissional soubesse LIBRAS (VIEIRA et al., 2017). Já em um trabalho nos Estados Unidos, com 91 participantes surdos, a comunicação com um médico com alguma base em Língua Americana de Sinais (ASL) foi considerada “melhor do que nada”, embora tenha permanecido deficiente. Apesar disso, alguns entrevistados também relataram boas experiências com médicos habilitados em ASL (STEINBERG et al., 2006, apud CARDOSO; BACHUR, 2021, p. 235).

Apesar dessa variação, fica evidente que algum conhecimento da Libras - ou, ao menos, uma mínima sensibilização em relação às potencialidades visuais da pessoa surda para a compreensão dos conteúdos das consultas, por exemplo - conforme, também, ilustra o excerto abaixo:

**Relato 5 - pessoa/paciente surda (sobre as estratégias de comunicação utilizadas por profissionais da saúde)**

[...] “Falei para o médico que ele precisaria me mostrar as imagens, porque eu não tenho esse conhecimento específico do que ele estava me mostrando ali, então **ele aceitou e mostrou as fotos no Google e também pegou uma maquete para poder mostrar e exemplificar**, porque para ele é algo normal pois pensa que todo mundo tem esse conhecimento. Então ele me mostrou na maquete e mostrou as imagens também onde estava cada coisa e qual era o meu problema, porque acontecia aquilo e qual procedimento seria utilizado como tratamento, achei muito interessante essa maneira de explicar. Isso aconteceu com uma consulta com um intérprete junto, mas também **vai depender do médico. Alguns aceitam e outros não explicam dessa forma detalhada, infelizmente. Esse primeiro atendimento houve bastante explicação, porém em um segundo atendimento com outro médico, não teve não teve imagem, não teve maquete, foi só com a oralidade mesmo e o intérprete foi tentando explicar de maneira mais detalhada mas eu não entendia claramente porque eu sou uma pessoa muito visual, e naquele momento não tinha essa construção visual, portanto, não vou poder voltar nesse médico porque não teve acessibilidade.**” [...]

Tabela 5. Excerto da entrevista. Quadro produzido pela autora.

Assim, segundo Cardoso e Bachur (2021, p. 239), “para uma parcela considerável de profissionais da saúde, o tipo de assistência ofertada à população surda está longe de ser adequada, assim como boa parte dos pacientes com deficiência auditiva não se sentem satisfeitos com o atendimento recebido”. Neste relato a paciente surda entrevistada transmite que por não haver uma comunicação efetiva e direta estabelecida entre médico e paciente, ela chega inclusive a pensar em buscar por outro profissional. Desse modo, fica evidente que são necessárias, da parte dos profissionais da saúde, estratégias de transmissão de informações que, neste caso, foram mediadas por ilustrações,

e maquetes visuais, pois para os surdos a visualidade é um aspecto importante para a compreensão das informações transmitidas.

A comunicação entre profissional de saúde e paciente surdo deve ser efetiva e ter como objetivo o cuidado humanizado e diferenciado para que as necessidades dessas pessoas sejam atendidas, uma vez que “além do desconforto e estresse causados ao indivíduo com perda auditiva, os obstáculos de comunicação também podem dificultar o diagnóstico e gerar erros no tratamento instaurado” (CARDOSO; BACHUR, 2021, p. 241).

Contudo, o que pode ser percebido é a grande dificuldade de comunicação entre os profissionais da saúde e o público surdo, no momento em que esse público precisa de atendimento, uma vez que, ao recorrer aos profissionais da saúde, se defrontam com a falta de domínio da comunicação por parte deste grupo. Dessa maneira, na opinião dos surdos, o atendimento à sua saúde apresenta negligência por conta das barreiras de comunicação, sendo que nos “serviços de emergência, tanto pelo quadro clínico apresentado quanto pela impossibilidade do paciente surdo de se preparar previamente para o encontro com o profissional de saúde, [os surdos enfrentam] comunicação ainda mais inacessível” (CARDOSO; BACHUR, 2021, p. 241).

Como citado por Cardoso e Bachur (2021, p. 241), “uma comunicação efetiva durante o atendimento em saúde está associada a uma maior aderência do paciente às recomendações e orientações médicas”, sendo que a possibilidade de que uma grande parcela de pacientes surdos que deixem de procurar atendimento por causa do constrangimento é preocupante e deve ser observada como um problema ao bem-estar físico, social e emocional deste grupo, já que todos têm direito à saúde com qualidade e equidade. Já uma comunicação inadequada, por sua vez, pode apresentar diversos riscos, “como retorno precoce do paciente ao serviço; aumento dos custos de tratamento diante de um manejo incorreto na atenção primária; despesas econômicas para a sociedade, se o paciente não pode trabalhar devido a infecções não tratadas; e processos judiciais por erro médico” (REEVES; KOKORUWE, 2005, *apud* CARDOSO; BACHUR, 2021, p. 241).

Isso só mostra o quanto é difícil para o surdo se sentir acolhido em um ambiente onde os profissionais não estão aptos para lidar com suas diferenças e necessidades. Nesse sentido, para Strobel (2008, p. 20),

A maioria das pessoas, em especial os próprios profissionais de saúde, ignoram as características e necessidades dos surdos, muitas vezes até estereotipando-os como “deficientes”; sendo assim, os surdos precisam se adaptar a determinadas condições que não lhes convêm, desrespeitando sua cultura, com suas subjetividades e identidades próprias.

É perceptível a lacuna de formação na área da saúde para com as especificidades da população surda, salientada por ambas as entrevistadas neste trabalho, pois, ao se referirem às dificuldades em interagir com os profissionais como médicos, enfermeiros e até recepcionistas do pronto atendimento. Nesse sentido, como apontam Mazzu-Nascimento et. al (2020), a fragilidade na formação nos curso de graduação desses profissionais não propicia um respaldo sobre como se portarem e oferecerem um atendimento de qualidade ao público surdo, sem o olhar patológico sobre sua condição, mas visando o bem estar físico e emocional e garantindo o direito da pessoa surda à compreensão dos procedimentos, diagnósticos, tratamento e prognóstico, além do direito à tirar dúvidas com médicos, enfermeiros e todos envolvidos em seus cuidados, incluindo estudantes e residentes, tendo o direito, ainda de ter um intérprete de Libras para facilitar a comunicação.

Dessa maneira, a fragilidade na formação dos profissionais da saúde quanto à Libras e às especificidades da surdez é um elemento que restringe a comunicação entre profissionais de saúde e pacientes surdos, prejudicando o atendimento integral e contribuindo para o cenário de invisibilidade da população surda na atenção à saúde, como destacado nos excertos dos relatos a seguir:

**Relato 6- intérprete de Libras (sobre as estratégias de comunicação utilizadas por profissionais da saúde)**

[fazendo alusão a uma fala dos médicos]

[...] “Mas eu (médico) primeiro tento que ele leia meus lábios ou eu escrevo. Se ele não conseguir entender, aí você faz (Intérprete)’. Essas situações, em minha opinião, advém realmente de **uma insegurança, mas por falta de não conhecer e não conviver com essa realidade.**” [...]



Tabela 6. Excerto da entrevista. Quadro produzido pela autora.

**Relato 7 - pessoa/paciente surda (sobre as estratégias de comunicação utilizadas por profissionais da saúde)**

[...] “Outra coisa é que todos os médicos precisam aceitar: oferecer acessibilidade para as pessoas com deficiência. Podem ser pessoas surdas, autistas, com deficiência intelectual. O importante é ter essa acessibilidade e o médico **precisa aceitar utilizar recursos visuais além de recursos concretos também**, por exemplo, pessoas com deficiência intelectual precisam de alguns elementos concretos para poder entender, porque só falar, explicar oralmente muitas vezes não é compreensível, até mesmo para os ouvintes que também podem não entender, portanto esses recursos concretos podem auxiliar outras pessoas também. **Outra coisa que eu queria falar é que os médicos precisam ter uma atenção maior no momento do atendimento, tem médicos que são muito diretos ao ponto, ou que são grosseiros, não tem um cuidado com o paciente e por este motivo, a maioria dos surdos ficam assustados pois causa muitos traumas do atendimento.** Muitos surdos me falam que criaram trauma de ir no médico, mas o médico é um profissional importante para cuidar da nossa saúde. **Então sempre pergunto, porque você tem trauma e eles respondem que é por conta da falta de um atendimento cuidadoso, um atendimento com explicação mais didática com um cuidado maior, pois é uma gentileza explicar com calma, mas a maioria não é assim e acarreta que o surdo fica traumatizado e isso prejudica a saúde.** Então acho que esses pontos importantes para se pensar:

1º O intérprete precisa ter conhecimento da área médica;

2º O médico precisa aceitar adaptações para se obter a acessibilidade dos pacientes;

3º Os médicos precisam aceitar fazer os atendimentos e tratamentos com mais cuidado, com mais carinho para com os pacientes e não ser tão grossos e diretos no atendimento.

**É preciso melhorar a forma de atendimento desses profissionais.” [...]**

Tabela 7. Excerto da entrevista. Quadro produzido pela autora.

A partir do que foi relatado tanto pela profissional intérprete quanto pela paciente surda, nota-se a ausência de uso da Libras pelos profissionais da saúde, o que fragiliza a comunicação do deficiente auditivo, portanto, torna-se indispensável que profissionais da saúde conheçam, ainda que minimamente, a Libras (IANNI; PEREIRA, 2009; ARAGÃO *et al.*, 2015).

Nessa direção, segundo Costa *et al.* (2009) ter profissionais capacitados e qualificados na área da saúde com atendimento em Libras trás um diferencial significativo no que diz respeito, principalmente, ao estabelecimento de relação profissional com o paciente. Os autores ainda pontuam algumas possibilidades de um atendimento mais inclusivo e acolhedor às pessoas surdas, por parte dos profissionais da saúde se estes puderem: falar clara e pausada com o olhar direcionado para o paciente; falar com palavras curtas articulando bem as palavras; manter uma expressão facial visível; ter uma escrita sem abreviaturas e/ou rasuras; realizar uma explicação passo a passo antes da realização de procedimentos; apresentar uma explicação de para que serve e como utilizar a medicação; ter conhecimento ao menos básico da língua de sinais, para criação de um vínculo entre profissional e paciente surdo (COSTA *et al.*, 2009).

A esse respeito, no relato da intérprete de Libras (tabela 6), observa-se que alguns profissionais tentam criar uma comunicação utilizando a leitura labial. Contudo, esse método exige uma concentração maior o que deixa a pessoa surda mentalmente esgotada, fora outros pontos que tornam essa estratégia inviável como a utilização de máscaras cirúrgicas no momento, sotaques e bigodes (OLIVEIRA; CELINO; COSTA, 2015).

Um ponto bastante importante de se destacar, diz respeito ainda à situação traumática para as pessoas surdas que pode ser ir ao médico ou precisar fazer uma consulta, mesmo que de exames de rotina. Nessa direção, a entrevistada surda expõe que muitos surdos têm traumas de ir ao médico por conta dos motivos que vimos destacando anteriormente (tabela 7), evidenciando as muitas possíveis complicações na saúde da população surda,

que podem ser tornar crônicas e graves devido a permanência de obstáculos de acessibilidade.

### **3.3 Categoria de Análise 3: Estratégias de Comunicação Utilizadas por Profissionais Intérpretes nos Atendimentos de Saúde.**

#### **Relato 8 - intérprete de Libras (sobre as estratégias utilizadas por intérpretes no contexto da saúde)**

[...] “às vezes não fica claro quais são os sintomas deles e a partir disso, a gente fica preocupada quanto a conduta médica adequada, **se não ficou tão claro o que o paciente está sentindo, pelo fato de por vezes ser utilizado uma sinalização um pouco mais diferenciada, como gestos caseiros ou quando é um surdo que é de outra cidade onde o intérprete não tem muito contato e/ou é a primeira vez que você está ali com ele (paciente surdo), não conhece a sinalização dele.** Eventualmente, quando não é uma questão de sinalização, mas é uma questão de **aquisição tardia da língua, o paciente surdo não consegue expressar, ele sabe o que sente, mas não consegue expressar adequadamente então quando se vai interpretar o profissional de saúde, por esse atraso de língua, acarreta também uma dificuldade de compreensão da libras não só da expressão, tem-se a sensação de será que ficou claro ou não?** Logo, eu, por exemplo, costumo sempre pedir licença para o profissional da saúde, quando acho que não está tão claro o discurso, para **perguntar para o paciente o que ele entendeu da consulta para poder explicar pra gente como que ele vai tomar os remédios.** Quando o médico dá uma receita, o surdo vai embora com a receita no acesso de L2 em português, então antes de dele ir embora, **eu vou interpretar a receita em libras para que este leve o vídeo em libras da receita, se caso tiver alguma dúvida, olhar para o vídeo, esporadicamente, mesmo com a libras é necessário complementar com outras estratégias por exemplo, eu fiz uma tabelinha para ele (paciente surdo), mais visual porque a gente foi na farmácia junto, e colamos na receita do remédio a tabelinha com os horários que ele precisaria tomar.** pelo fato de por vezes a limitação ser tão grande da linguagem que não

adiantava colocar só o nome, o horário e a frequência é necessário colocar **alguns símbolos como sol, lua para ser manhã e noite, ou o desenho do relógio dos ponteiros, porque ele (paciente surdo) não sabia ver hora**, mas sabia identificar o visual dos ponteiros para poder tomar o remédio na hora certa. Por conseguinte, **parece que a interpretação se restringe só no processo tradutório mas tem que tomar de outros recursos comunicativos para que aquela informação seja interpretada pelo sujeito surdo de uma maneira mais efetiva.**” [...]

Tabela 8. Excerto da entrevista. Quadro produzido pela autora.

A partir deste relato, percebemos que por muitas vezes os intérpretes de Libras precisam do manuseio de estratégias que vão além de um processo de tradução e/ou interpretação para a Libras do que está sendo falado e/ou visualizado, mas também estratégias que sejam meios de formular um discurso que chegue até o público alvo com um resultado compreensível. Nesse sentido, conforme destacado na tabela 8, a intérprete salienta que são adequações que não vêm prontas, e que por vezes são buscadas através da tentativa e erro, no contato específico com o paciente surdo que está sendo atendido naquele momento (seu repertório linguístico de Libras, de português escrito e até mesmo da doença e dos sintomas).

Também pode-se comentar aqui a questão ética que deve ser exercida pelo intérprete atuante, pois alguns surdos convocam a presença de intérpretes com quem já tem estabelecido um vínculo e que são conhecidos em ambientes singulares que estes frequentam como igrejas, associações, escolas, etc. Dessa forma, o profissional precisa manter sigilo e privacidade dessas informações, pois se referem a uma vida.

#### **4. Considerações finais**

O presente trabalho teve como objetivo discutir sobre o papel do tradutor intérprete de Libras (TILS) diante da necessidade de atendimento de pessoas surdas nos processos de triagem no pronto atendimento em postos de saúde e

posterior encaminhamento para o atendimento médico. A partir das considerações de uma pessoa surda usuária da rede pública de saúde e de uma intérprete de Libras que já atuou nesse contexto, buscamos enfatizar a importância de estratégias adotadas para superar as diferenças linguísticas e para realizar um bom atendimento nos postos de saúde no sentido do enfrentamento das barreiras linguísticas identificadas pela pessoa surda.

Como resultados, destacamos a ausência de uma comunicação efetiva entre profissionais da saúde e pacientes surdos e apresentamos algumas estratégias utilizadas por profissionais da saúde em atendimentos de pacientes surdos destacando, a partir de nossas entrevistas, que o contexto da saúde apresenta desafios bastante específicos para a interpretação para a Libras, o que aponta para a necessidade de uma formação específica para a atuação de TILS na esfera da saúde, dada sua complexidade.

Finalmente, salientamos que na direção do que aponta a literatura consultada neste trabalho, os dados levantados com nossas entrevistas apontam que o atendimento médico de pessoas surdas ocorre de maneira inadequada, apresentando inúmeros desafios tanto para o paciente surdo quanto para o profissional atendente. Nesse cenário, os obstáculos para se estabelecer uma comunicação satisfatória com o médico aparecem como a principal dificuldade enfrentada pela população surda ao buscar assistência, o que pode provocar erros de diagnóstico e tratamento, promoção e prevenção em saúde precárias e aumento dos gastos de sistemas de saúde e empresas seguradoras.

Diante disso, aponta-se a necessidade de elaborar medidas eficientes e aprimorar mecanismos já existentes que busquem melhorar a qualidade do cuidado dispensado a essa parcela populacional, como também apontam, por exemplo, Cardoso e Bachur (2021, p. 242), como inserir o ensino da língua de sinais no currículo médico e conscientizar profissionais formados sobre particularidades da cultura surda. Os autores afirmam a necessidade de “desenvolver serviços especializados no atendimento de deficientes auditivos, estimular a formação de intérpretes e estabelecer legislações sobre a atuação desse profissional nos serviços de saúde”.

Por fim, destacamos a importância da presença de profissionais intérpretes de Libras com formação específica para atuação no contexto médico/esfera da saúde, indicando, a partir dos relatos apresentados, que não só existe uma fragilidade na formação de profissionais da saúde quanto ao atendimento de pessoas surdas, mas que a própria formação profissional de intérpretes de Libras carecem de uma discussão e propostas mais específicas para o trabalho nessa esfera de atuação tão complexa e desafiadora, para que assim possa ser oferecido um serviço de qualidade que garanta, de fato, o atendimento aos direitos da pessoa surda quanto ao acesso à saúde.

## Referências

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de; OZELLA, Sergio. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 94, p. 299-322, 2013.

ARAGÃO, Jamilly da Silva; FRANÇA, Inacia Satiro Xavier; COURA, Alexandro Silva; SOUSA, Francisco Stélio.; BATISTA, Joana D`Arc Lyra; MAGALHÃES, Isabela Medeiros de Oliveira. Um estudo da validade de conteúdo de sinais, sintomas e doenças/agravos em saúde expressos em LIBRAS. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**. nov.-dez. 2015.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto editora, 1994.

BRASIL. **Decreto-lei nº 10436, de 24 de Abril de 2002**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/l10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm) acessado em 25 de outubro de 2021.

BRASIL. **Decreto-lei nº 13146, de 6 de Julho de 2015**. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm) acessado em 17 de fevereiro de 2023.

CAETANO, David da Silva. **A formação do tradutor e intérprete de Libras para a atuação na saúde pública: discutindo sobre ações durante a pandemia de COVID-19 a partir do programa Informa-SUS**. 47 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Tradução e Interpretação Libras/Língua Portuguesa) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2021.

CARDOSO, Gleyri Yuri Rodrigues; BACHUR, Tatiana Paschoalette Rodrigues. O atendimento médico de pessoas surdas e seus desafios. **Revista Brasileira de Educação e Saúde**, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 232–243, 2021. Disponível em: <https://www.gvaa.com.br/revista/index.php/REBES/article/view/9017>. Acesso em: 30 mar. 2023.

COSTA, Luiza Santos Moreira da; ALMEIDA, Regina Célia Nascimento de; MAYWORN, Mariana Cristina; ALVES, Pedro Thiago Figueiredo; BULHÕES, Paulo Andre Martins; PINHEIRO, Vanessa Miro. O atendimento em saúde através do olhar da pessoa surda: avaliação e propostas. **Revista Sociedade Brasileira. Clínica Médica**, p. 166-170, 2009.

CHAVEIRO, Neuma; BARBOSA, Maria Alves. Assistência ao surdo na área de saúde como fator de inclusão social. **Revista da Escola de Enfermagem**, São Paulo, v. 39, n. 4, p. 417-22, 2005.

CHAVES, Taline Pereira; TONIN, Gislene S. Pereira; GRAFF, Patrícia. Retratos da inclusão: o atendimento ao surdo em distintos espaços sociais. **Roteiro**, v. 44, n. 2, 2019.

COTTA, Bruna Stefane et. al. A dificuldade no atendimento médico às pessoas surdas. **Revista Interdisciplinar Ciências Médicas**. v. 3, nº 1, 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. Ed. – São Paulo: Atlas, 2008.

IANNI, Aurea; PEREIRA, Patrícia Cristina Andrade. Acesso da Comunidade Surda à Rede Básica de Saúde. **Saúde e Sociedade**, v.18, supl.2, 2009.

JESUS, Ringo Bez. A interpretação médica para surdos: a atuação de intérpretes de LIBRAS/Português em contextos da saúde. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras-Libras) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

MAZZU-NASCIMENTO, Thiago. et al. Fragilidade na formação dos profissionais de saúde quanto à Língua Brasileira de Sinais: reflexo na atenção à saúde dos surdos. **Audiology Communication Research**, v. 25, 2020.

NEVES, Dayane Bevilacqua; FELIPE, Ilana Miriam Almeida; NUNES, Serlyjane. Penha Hermano. Atendimento aos surdos nos serviços de saúde: acessibilidade e obstáculos. **Infarma: Ciências Farmacêuticas**. v. 28, nº 3, p. 157-165, 2016.

OLIVEIRA, Yanik Carla Araújo; CELINO, Suely Deysny de Matos, COSTA, Gabriela Maria Cavalcanti. Comunicação como uma ferramenta essencial para assistência à saúde dos surdos. **Physis - Revista de Saúde Coletiva** [ online ]. 2015, 25 ( 1 ), 307-320 [ Data da consulta 30 de março de 2023 ]. ISSN: 0103-7331. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=400838272016>

PEREIRA, Patricia Cristina Andrade. Tradutores-intérpretes de LIBRAS na Saúde: o que eles nos contam sobre questões éticas em suas práticas. 2014. Tese (Doutorado em Serviços de Saúde Pública) - Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. doi:10.11606/T.6.2014.tde-04082015-133658. Acesso em: 2023-03-30.

REZENDE, Regiane Ferreira, GUERRA, Leonor Bezerra e CARVALHO, Sirley Alves da Silva. The perspective of deaf patients on health care. **Revista CEFAC** [online]. 2021, v. 23, n. 2 [Acessado 30 Março 2023], e0620. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-0216/20212320620>>. Epub 12 Abr 2021. ISSN 1982-0216. <https://doi.org/10.1590/1982-0216/20212320620>.

SKLIAR, Carlos et al. Os estudos surdos em educação: problematizando a normalidade. In: SKLIAR, Carlos (Org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças, v. 6, p. 7-32, 1998.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

TRIVINOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

## **Anexos**

### **Anexo 1**

Questões norteadoras para a entrevista (participante – profissional TILSP)

- 1- Você pode contar um pouco sobre seu processo de aprendizagem da Libras? (sua família é ouvinte, surda, tem proximidade com as línguas de sinais?)
- 2- Qual a sua formação profissional e há quanto tempo atua como intérprete de Libras no contexto da saúde/atendimentos médicos?
- 3- Como as pessoas surdas costumam fazer quando precisam de atendimento médico? (Recorrem ao serviço de algum intérprete de Libras, Associação de Surdos, amigos, parentes etc).
- 4- Quais barreiras e desafios, na sua percepção, são os mais difíceis de serem superados na atuação de intérpretes de Libras no contexto da saúde?
- 5- Você se recorda de alguma cena ou episódio em que sentiu que houve discriminação em relação à pessoa surda e ao trabalho do intérprete de Libras no momento de uma triagem hospitalar ou consulta médica?
- 6- Você pode contar um pouco sobre algum episódio em que teve dificuldades de compreensão e/ou de interpretar sintomas, compreender as recomendações médicas ou mesmo fazer uma ficha de anamnese de um paciente surdo?
- 7- Você conhece algum profissional da saúde que atenda diretamente em Libras durante consultas médicas? Em caso negativo, como então, geralmente, as consultas são realizadas? (existem estratégias de comunicação entre agentes de saúde e pacientes surdos, como escrita, desenhos, gestos, mímicas etc).?
- 8- Você já encontrou serviços médicos/hospitalares que contavam com a presença de intérpretes de Libras para a mediação de consultas com pacientes surdos? Se sim, você pode contar um pouco mais sobre como foi?
- 9- Na sua opinião, qual a formação e especificidades da atuação de intérpretes de Libras necessárias para a atuação no atendimento médico/hospitalar ou consultas médicas de forma a atender adequadamente pessoas surdas?
- 10- Gostaria de fazer mais alguma consideração/apontamento em relação ao que foi perguntado?

## Anexo 2

Questões norteadoras para a entrevista (participante – paciente surdo):

- 1- Você pode contar um pouco sobre seu processo de aprendizagem da Libras? (sua família é ouvinte, surda, tem proximidade com as línguas de sinais?)
- 2- Quais as recordações que você tem de quando se percebeu falante de uma língua que não era a mesma da maioria das pessoas com quem convivia?
- 3- Como você costuma fazer quando precisa de atendimento médico? (Recorre ao serviço de algum intérprete de Libras, Associação de Surdos, amigos, parentes etc).
- 4- Quais barreiras você geralmente encontra quando precisa recorrer a algum serviço de saúde?
- 5- Você se recorda de alguma cena ou episódio em que se sentiu discriminado (a) por falar outra língua ou por não entender o português no momento de uma triagem hospitalar ou consulta médica?
- 6- Você pode contar um pouco sobre algum episódio em que teve dificuldades de compreensão e/ou de expressar sintomas, compreender as recomendações médicas ou mesmo fazer uma ficha de anamnese?
- 7- Você já foi atendido em Libras alguma vez durante alguma consulta médica? Em caso negativo, como então, geralmente, as consultas são realizadas? (existem estratégias de comunicação entre agentes de saúde e pacientes surdos, como escrita, desenhos, gestos, mímicas etc).?
- 8- Você já encontrou serviços médicos/hospitalares que contavam com a presença de intérpretes de Libras para a mediação de consultas com pacientes surdos? Se sim, você pode contar um pouco mais sobre como foi?
- 9- Na sua opinião, como o atendimento médico/hospitalar ou consultas médicas poderiam ser realizadas de forma a atender adequadamente pessoas surdas?
- 10- Gostaria de fazer mais alguma consideração/apontamento em relação ao que foi perguntado?